

A inserção social do pentecostalismo no Brasil: números, mídia e protagonismo político

The Social Insertion of Pentecostalism in Brazil: Numbers, Media and Political Protagonism

Ronaldo de Paula Cavalcante
Universidade Presbiteriana Makenzie - Brasil

Resumo

O pentecostalismo tornou-se, na história da tradição religiosa protestante, um capítulo de relevância incontestável. Por caminhos nada dogmáticos ou acadêmicos ele se firmou como um claro representante da interpretação pneumatológica da presença cristã no mundo, sem a necessária dependência de categorias teológicas senão por uma leitura simples e popular dos livros sagrados, por isso mesmo, expandiu com eficácia a sua influência em todos os continentes sendo reconhecido como legítimo integrante do cristianismo mundial. Em sua história secular destacou o livre exame das Escrituras e nesse particular foi pródigo na implantação de comunidades e denominações que não cessam de se multiplicar, como por exemplo, no Brasil. Desse movimento de renovação espiritual, de costumes de moralidade e de liberdade hermenêutica, surgiu desde a década de 1980, a variante neopentecostal com mais ousadia e liberdade de ação na sociedade, utilizando-se dos *mass media* e especialmente da participação direta no campo político, atitude que vai se generalizando em todo o espectro pentecostal e no protestantismo histórico.

Palavras-chave

Pentecostalismo.
Neopentecostalismo.
Protestantismo.
Mídia.
Política.

Abstract

Pentecostalism has become, in the history of the Protestant religious tradition, a chapter of indisputable relevance. Through not dogmatic or academic paths, he established himself as a clear representative of the pneumatological interpretation of the Christian presence in the world, without the necessary dependence on theological categories but for a simple and popular reading of the sacred books, for this very reason, he effectively expanded his influence on all continents being recognized as a legitimate member of world Christianity. In his secular history He highlighted the free examination of the Scriptures and in this regard he was prodigal in the implantation of communities and denominations that do not cease to multiply, as for example in Brazil. From this movement of spiritual renewal, of morality customs and hermeneutic freedom, since the 1980s, the neo-Pentecostal variant with more daring and freedom of action in society, using them as media and especially direct participation in the political field, emerged attitude that is becoming generalized across the entire Pentecostal spectrum and in historical Protestantism.

Keywords

Pentecostalism.
Neo-Pentecostalism.
Protestantism.
Media.
Politics.

Introdução

O *protestantismo*, após suas tentativas malogradas de estabelecimento no Brasil, inicialmente no Rio de Janeiro, com os calvinistas franceses no século XVI e, em Pernambuco, com os reformados holandeses no século XVII, finalmente conseguiu se instalar no Brasil por meio do *protestantismo de imigração*, durante praticamente todo o século XIX e até inícios do século XX, especialmente os luteranos alemães no Sul e Sudeste e do *protestantismo de missão*, desde meados do século XIX. Por sua vez, o *pentecostalismo*, fenômeno religioso como uma forma variante do segmento protestante, fora implantado em solo brasileiro apenas a partir de 1910 e se encontra hoje bem desenvolvido e presente em todo o território nacional, a despeito do veredicto do historiador Sérgio Buarque de Holanda: “É que o clima não favorece a severidade das seitas nórdicas. O austero metodismo ou o puritanismo jamais florescerão nos trópicos.” (HOLANDA, 1995, p. 151), tal explicação certamente não poderia ser aplicada ao caso pentecostal, uma vez que este se acomodou muito bem ao imaginário religioso popular brasileiro, essencialmente emotivo. E mais, o vaticínio do sociólogo Ricardo Mariano de

que no Brasil, “o futuro não será protestante”¹, que se adéqua razoavelmente bem ao protestantismo clássico, histórico, perde sua validade para o pentecostalismo e seu herdeiro imediato, o neopentecostalismo, uma vez que esses florescem com vigor e diversidade, características marcantes de uma “flora” religiosa rica e variada. O fenômeno pentecostal contemporâneo exige análise compartimentada, uma vez que, com seu crescimento, criou e desenvolveu uma vida própria do ponto de vista sociológico; tarefa acima das nossas capacidades no presente ensaio. Aqui tratamos o neopentecostalismo como uma “subespécie” do pentecostalismo clássico e não como uma ruptura ou movimento antagônico, não obstante haver claras diferenças entre ambos. Consideramos, pois, como um movimento interno do fenômeno pentecostal. Sublinhamos seu crescimento numérico, sua *performance* religiosa e sua inserção social por meio da mídia e política.

Os números do pentecostalismo

O crescimento dos evangélicos no Brasil é um tema que tem sido estudado e debatido há vários anos, a partir dos dados fornecidos nos últimos censos do IBGE². Uma síntese destas estatísticas pode ilustrar bem a importância do fenômeno evangélico/pentecostal: (a) Até o início da década de 90, os evangélicos representavam apenas 9% do contingente populacional, já naquele momento a maioria era de pentecostais. (b) Em 2000 os evangélicos somavam 15,6% da população brasileira. (c) Em 2010 ascenderam para 22,2%, um respeitável crescimento de 6.8%. (d) As projeções feitas em 2010, logo após o censo, para o quadriênio 2011-2014, apontavam uma

¹ Título de sua conferência na Universidade de São Paulo, nas VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Texto integral publicado na Revista de Ciências Sociais y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 1, n.1, pp. 89-114, set. 1999. Ademais, Mariano, escreveu inúmeros artigos acerca da vertente pentecostal, e, especialmente uma obra fundamental sobre o fenômeno: *Neopentecostais; sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

² Segundo o IBGE: Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5% evangélicos de missão e 21,8% evangélicos não determinados. Maiores informações sobre suas atividades, ver: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>

população brasileira na ordem de 204.578.931 (utilizando como média aritmética de crescimento a taxa anual de 4,91%, mesma aplicada pelo IBGE para o período 2001-2010). (e) Com tais índices, a população evangélica chegaria a 25,03% atingindo a cifra de 51.210.103 membros, representando ¼ da população Brasileira, que parece ser precisamente a realidade atual.

Contudo, deve-se ainda reconhecer que o crescimento evangélico identificado no censo de 2000 (contabilizado na década de 1990) foi bem maior que o verificado no censo de 2010 (contabilizado na década de 2000), perfazendo uma diferença razoável, grosso modo, isso indicaria uma desaceleração no ritmo de crescimento³ desse segmento religioso, dado importante que poderá ser aferido objetivamente apenas no próximo censo. Não obstante, tal situação não invalida o fato de que no cenário geral do mapa religioso brasileiro os evangélicos foram os que mais cresceram, graças ao pentecostalismo, *clássico*, encabeçado pela Assembleia de Deus (AD), ou *neopentecostal*, encabeçado pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Para que se tenha uma ideia mais objetiva da magnitude do pentecostalismo brasileiro, é bom ressaltar que das cinco maiores denominações evangélicas do Brasil, quatro são pentecostais, são elas: Assembleia da Deus (AD), com um acréscimo na última década de quatro milhões de fiéis; Congregação Cristã do Brasil (CCB); Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ). Outras denominações pentecostais, como, por exemplo, Igreja Deus é Amor, Igreja Evangélica O Brasil para Cristo, Igreja Cristã Maranata, estão ranqueadas entre as quinze maiores, mas que nos últimos anos sofreram redução significativa na sua frequência. Mariano relata bem essa diminuição de membros em várias denominações do protestantismo histórico e dos pentecostais, diz ele:

Nada menos que sete denominações evangélicas, três pentecostais e quatro de missão, perderam fiéis entre 2000 e 2010, algo inédito na história dos evangélicos no país: a Congregação Cristã no Brasil passou de 2.489.079 para 2.289.634 adeptos (perda de 8%); a Igreja Universal do Reino

³ Acerca disso, ver: MATTOS, Paulo Ayres. “A relevante queda de crescimento evangélico revelado pelo Censo de 2010”. *Cadernos IHU em formação*, Ano VIII, n. 43, 2002, p. 30.

de Deus, de 2.101.884 para 1.873.243 adeptos (-10,8%); a Casa da Bênção, de 128.680 para 125.550 (-2,4%); a Igreja Evangélica Luterana, de 1.062.144 para 999.498 (-5,9%); a Igreja Evangélica Congregacional, de 148.840 para 109.591 (-26,4%); a Igreja Evangélica Presbiteriana, de 981.055 para 921.209 (- 6,1%). (MARIANO, 2013, p. 119-137).

O trânsito religioso dentro do pentecostalismo brasileiro é uma realidade digna de nota, especialmente depois do advento neopentecostal. A movimentação interna de membros se transferindo para igrejas congêneres passou a ser um lugar comum e que atualmente chamou a atenção pelo volume e rapidez, por exemplo, no caso da Igreja Mundial do Poder Deus recebendo milhares de membros da IURD, e antes disso a própria Universal durante anos esteve recebendo membros de inúmeras outras pentecostais.

Igrejas “renovadas” ou “avivadas” (outra designação para o movimento pentecostal), como, por exemplo, os Batistas da Convenção Nacional, Igreja Presbiteriana Renovada, Igreja Metodista Wesleyana, Igreja Metodista Livre, Igreja de Cristo etc., no relatório do censo de 2010, podem estar postas no item *outras igrejas de origem pentecostal* e perfaz um total de 5.267.029. Pode-se nomear ainda algumas grandes denominações neopentecostais, surgidas nas décadas de 1980 e 1990, são elas: Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Apostólica Fonte da Vida, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Luz para os Povos - Ministério Apostólico, Bola de Neve Church, Igreja Videira. Ademais, existe um número quase infinito de pequenas e médias denominações e igrejas que surgem a cada ano, pelo próprio dinamismo do fenômeno religioso.

O instituto de pesquisas Datafolha, um dos mais respeitados do país, fornece números ainda mais impressionantes, visto que sua pesquisa aborda pessoas físicas, casa por casa, diferente do que faz o IBGE. Segundo o Datafolha, em 1994 a porcentagem de evangélicos no Brasil era de 14%. Em 2007 era de 22%. E em julho de 2013, subiu para 28%. Observa-se que os dados do Datafolha são de 3 a 4 pontos percentuais maiores que os números do IBGE. Os dados do Datafolha dos últimos 20 anos permitem constatar que o crescimento anual dos evangélicos gira em torno dos 5%. As projeções que

estão sendo feitas para 2025 sugerem números acima dos 40% da população total, uma força quantitativa similar à do catolicismo brasileiro, ainda que fragmentada e em trânsito interno, como já dito, ou seja, membros de uma igreja pentecostal transferindo-se para outra agremiação pentecostal ou neopentecostal ou vice-versa. Em 2016 o Instituto Datafolha realizou importante pesquisa, entre vários números, declarou: “Em julho de 2015, os católicos representavam 55% da população adulta brasileira, e os evangélicos pentecostais, 22%. Os evangélicos não pentecostais somavam 8%”⁴, quer dizer, 30%, quer dizer, em torno de 61 milhões de evangélicos.

Voltando às projeções do IBGE⁵, estamos falando de uma população absoluta de 218.330.014 de habitantes, para daqui a 08 anos, com dados ainda conservadores, portanto, em sendo assim teremos um total de pouco mais de 87 milhões de indivíduos professando a fé evangélica. De acordo com a jornalista e repórter, Cecília Ritto:

O aumento desse segmento foi puxado pelos pentecostais, que se disseminaram pelo país na esteira das migrações internas. A população que se deslocou era, sobretudo, de pobres que se instalaram nas periferias das regiões metropolitanas. Nesses locais, os evangélicos construíram igrejas no vácuo da estrutura católica (RITTO, 2012).

De fato, o segmento pentecostal representando no Brasil aproximadamente $\frac{3}{4}$ da população evangélica, como sucede hoje, em 2025, alcançaria o montante aproximado de 66 milhões de pessoas. Trata-se de um contingente religioso respeitável do ponto de vista sociocultural, uma vez que se refere a um grupo religioso pujante, com crenças, convicções e estratégias bem presentes e ousadas na vida das pessoas exercendo uma espécie particular de “encantamento” e “sacralização” do cotidiano por meio de um *modus operandi* envolvendo atividades semanais intensas, por isso mesmo, exercendo não pouca influência na vida familiar e profissional dos seus fiéis.

⁴ In: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>

⁵ Dados coletados no site oficial do IBGE, projeções feitas em 2013. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtml

Ver também a reprodução dos mesmos dados do IBGE na revista Exame Info de 29/08/2013 em artigo assinado por Marco Prates da Exame.com (São Paulo).

Ressalta-se ainda que, num claro reflexo da população brasileira onde hoje se tem a maioria de mulheres, no universo evangélico em geral e no pentecostalismo em particular, as mulheres são também maioria⁶. Percebe-se que elas conferem ao crescimento numérico algo de estabilidade, um *status* de continuidade pelo fato de que nelas a religiosidade está mais viva e aparente e nesse *habitat* religioso elas se expressam melhor, podem ser ouvidas, inclusive em cargos e ofícios de liderança. Seu compromisso religioso é pragmático e audacioso e realmente tem feito a diferença na *nova igreja evangélica brasileira* - pentecostais e neopentecostais. Os números eloquentes do pentecostalismo, sem dúvida, devem muito à participação das mulheres.

A produção do novo *homo religiosus* no pentecostalismo

Diferentemente do protestantismo histórico, onde as celebrações dão-se prioritariamente no domingo, nas igrejas de perfil pentecostal, como se sabe, as atividades acontecem também semanalmente; na maioria delas em vários dias e em muitas destas em todos os dias da semana. Quer dizer, a importância do fator quantitativo, as cifras, os números do pentecostalismo não dizem respeito apenas ao montante de fiéis e de igrejas existentes no Brasil, senão à multiplicidade e diversidade de atividades, de ministérios e em particular do “menu” religioso, cada vez mais variado, que se oferece ao fiel, por meio de temáticas distintas e adaptadas a nichos sociais específicos.

Com esta práxis, a ociosidade, da mente e do corpo, deve estar proscrita, exilada em nome de uma transfiguração do secular. O discurso do pentecostalismo clássico, da Assembleia de Deus, por exemplo, falava sobre um afastamento do mundo, uma vez que este se achava imerso no pecado, a IURD, diferentemente, desenvolveu uma estratégia de aproximação por meio de um rápido processo de libertação. O cotidiano mundano pecaminoso do pentecostalismo do qual se devia distanciar foi agora, no neopentecostalismo transformado e possuído pelo poder invasor do evangelho, em uma clara analogia à tomada da terra de Canaã pelos Hebreus. Tal mudança significa

⁶ O censo de 2010 contabiliza 23.492.609 mulheres evangélicas contra 18.782.831 de homens; quase cinco milhões a mais para elas.

que todos os espaços da vida necessitam ser preenchidos e ocupados pelo elemento sagrado que se manifesta comunitária e visivelmente. O caminho individual de crescimento espiritual, ainda existente até o momento de conversão, deixa de ter a primazia que teve na Reforma Protestante e no protestantismo histórico brasileiro, o solipsismo religioso não tem mais o lugar de honra no cenário da experiência coletiva pentecostal, apesar de ainda figurar na experiência religiosa pentecostal.

Nesse sentido, é que se tem o esforço concentrado por uma relativa coesão comunitária, conseguida por meio de: (i) *padronização de gestos litúrgicos* (universo simbólico apreendido); (ii) *construção de um dialeto unificado* (conceituações e definições massificadas) e ainda; (iii) *homogeneização de aspirações, desejos e conquistas* (metas e alvos comuns partilhados), tornando-se responsável por fazer convergir para um mesmo ponto, as diversas expressões religiosas particulares e tal encaminhamento se alcança com o ativismo religioso sequencial, constante e ofegante, sem oportunidades de reflexão crítica, algo que pode ser bem comprovado empiricamente.

Este dado nos leva a considerar outro aspecto do fenômeno além da realidade numérica crescente: o *estilo imediatista* de religiosidade urbana que vem sendo engendrado. A vida acelerada das médias e grandes cidades com inúmeros compromissos diários e uma agenda cotidiana congestionada reflete em um tipo de *modus vivendi* que se produz e é replicado no ambiente pentecostal, fazendo surgir um novo modelo de fé evangélica, com apelos inusitados, com projetos desafiadores e criativos que tocam diretamente nas necessidades dos fiéis com promessas e bênçãos concretas, sinalizando de forma inequívoca que o sagrado (Deus, Jesus Cristo, anjos) manifestam-se e legitimam as ações em Seu nome, por meio da presença incontestante do Espírito Santo e de sua ação, dando a chancela espiritual, já que a Escritura assegura-Lhe a função de “selo”. Presenciamos a erupção de um novo paradigma de espiritualidade evangélica que se constrói majoritariamente em um ambiente socioeconômico de pobreza diante do qual a religiosidade tradicional seja ela católica, evangélica ou mesmo pentecostal clássica não consegue mais atender às demandas. O sociólogo Waldo Cesar, em sua análise do fenômeno,

conseguiu captar bem e justificar o porquê de um modelo religioso com tais características, diz ele que

Somente algum tipo de extraordinária transformação de vida pode levá-los a essa radiosa aceitação de uma Providência capaz de conviver com os mais humildes membros da espécie humana - e oferecer-lhes uma esperança que transfigura em vitória situações normalmente associadas à frustração e ao desespero (CÉSAR E SHAULL, 1999, p. 57).

No entendimento fenomenológico de Rudolf Otto: *mysterium, tremendum et fascinatum*: “o objeto realmente “misterioso” é inapreensível não só porque minha percepção do mesmo tem certas limitações incontornáveis, mas porque me deparo com algo “totalmente diferente” (OTTO, 2007, p. 57). Contudo, no universo pentecostal, tais impossibilidades estão ausentes e as realidades sobrenaturais estão agora ao “alcance da mão”; onde imanência e transcendência se confundem; e “O totalmente outro” da teologia reformada, intocável e inacessível por seu caráter de santidade, não mais apenas toca a existência humana em um “evento” fugaz como a “tangente ao círculo”, segundo Karl Barth em seu comentário à Carta aos Romanos de 1919, afirma ele:

Na ressurreição o novo mundo do Espírito Santo tange o velho mundo da carne. Mas ele o toca como a tangente toca um círculo, sem entrar em contato com ele, e, justamente por não tocá-lo, atinge-o como seu limite, como novo mundo (BARTH, 2016, p. 75).

Entretanto, encontrou nesta comunidade vibrante um *habitat* apropriado de permanência. Sendo assim, esta dimensão outrora distante, torna-se familiar e facilmente acessada. Waldo César e Richard Shaull novamente elucidam a dinâmica pentecostal: “À medida que imanente e transcendente se *familiarizam* na realidade cotidiana do crente, os grandes paradoxos da vida religiosa se tornam *suportáveis* e os antagonismos podem ser superados” (CÉSAR e SHAULL, 1999, p. 59, grifos do autor). Os testemunhos apresentados publicamente nos auditórios e templos, grandes ou pequenos têm, portanto, a função de testificar que o poder divino está disponível e que uma vez conectado, o céu se encontra com a terra no

instante da celebração e que, por este encontro, o mundo miraculoso e fantástico da remota literatura bíblica se atualiza no instante de fé e é trazido de uma forma irreversível. Estamos diante de um hiper-idealismo religioso!

Com isso, a modernidade e o processo de secularização ocidental, estão na origem, como identifica Rubem Alves, do *exílio do sagrado*, diz ele: “Para que os homens dominem a terra é necessário que Deus seja confinado aos céus... A religião foi aquinhoada com a administração do mundo invisível, o cuidado da salvação, a cura das almas aflitas” (ALVES, 1996, p, 40). Assim, firmou-se uma condição cultural que, gradualmente, deu origem, segundo Max Weber ao *desencantamento do mundo*, segundo ele, ao analisar seitas protestantes, “[O radical] desencantamento do mundo não deixava interiormente outro caminho a seguir a não ser a ascese intramundana” (WEBER, 2004, p. 135), com influências no protestantismo clássico por conta de suas premissas racionalistas, estão em seu conjunto postos entre parênteses ou obsoletos, atropelados por essa nova religiosidade que, em seu momento inicial, universalizou a mensagem evangélica nas camadas mais pobres⁷ da sociedade brasileira e agora em seu momento neopentecostal alcança também demais estratos sociais, em especial profissionais liberais e empresários. Diante desse êxito, ousamos perguntar se o neopentecostalismo precisaria de fato das virtudes calvinistas modernizantes, tão importantes na Europa dos sécs. XVI e XVII para prosperar no Brasil? Está bem evidente que não! O que se pode perceber é a instalação de uma religião bem versátil, atendida com as necessidades existentes e o estímulo de outras ainda latentes. Como qualquer religião, também aqui se estimula a angústia, o medo e a ansiedade, para, no momento seguinte, propiciar algum tipo de libertação/superação/vitória.

Por isso mesmo, um dinamismo que possui cada vez mais forte uma consciência de eleição Talvez esteja aqui, *mutatis mutandis*, o único ponto de contato entre o universo pentecostal e neopentecostal e o protestantismo clássico - a aplicação prática da doutrina da predestinação, pela qual o fiel

⁷ Acerca disso ver a excelente obra: André Corten. *Os pobres e o Espírito Santo, o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

sente-se pessoalmente escolhido por Deus para uma missão e tal doutrina sendo comprovada particularmente pelo êxito ministerial: o crescimento numérico. Como se sabe, a originalidade dessa ideia, deve-se a Max Weber no seu seminal ensaio *A ética protestante e o espírito do capitalismo* e posteriormente discutida e aprofundada por outros como, por exemplo, Robert K. Merton em *Social theory and social structure*. Consciência de eleição que impulsiona a caminhar ambiciosamente em direção a metas cada vez mais altas. O novo *Templo de Salomão*⁸ que o diga! No Brasil, ele é hoje, um símbolo que representa essa posse do sagrado com seus novos sacerdotes e apóstolos, um novo clero bem próximo do povo.

Tentando entender algo mais da *psique* desse segmento religioso, de suas raízes, não é impossível divisar que o nominalismo já detectado como intrínseco ao protestantismo (luterano e calvinista) e que favorece a aparição do indivíduo, do sujeito sozinho *coram Deo* - perante Deus, em uma relação particular e tensa com o Sagrado, tal subjetividade está transformada e subvertida, fortalecendo, num *primeiro* momento, eu diria, uma nova categoria de individualismo legitimado religiosamente e que em seu discurso manifesta-se reivindicatório, positivo e declaratório, porquanto, está pronunciado por sujeitos que se entendem “filhos” privilegiados, eleitos por Deus e que, desse modo, possuem o *direito adquirido* sobre a herança do Pai. Num *segundo* momento - elabora-se a construção de uma nova proposta cultural, por meio de um somatório de cada um desses individualismos - o somatório dos escolhidos na fabricação do *novo povo* de Deus. Quer dizer, um sentimento individualista pragmatizado religiosamente que, como já sabido, transfigura-se em uma massa uniforme com uma mesma linguagem, uma mesma narrativa experiencial. Temos aqui um indivíduo potencializado metafisicamente em sua auto-estima e feito comunidade, povo, nação.

O neopentecostalismo surge em um momento de erosão dos valores tradicionais que davam sustentabilidade emocional aos indivíduos, “desagregação dos enquadramentos coletivos (família, Igreja, partidos

⁸O Templo de Salomão é a sede mundial da IURD que foi construída no bairro do Brás em São Paulo. É o maior espaço religioso do país e teve o custo de 680 milhões de reais. Foi inaugurado em 31 de julho de 2014 contando com a presença da presidente Dilma Rousseff, o vice-presidente Michel Temer, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmim e do prefeito da cidade de São Paulo Fernando Haddad ente outras autoridades.

políticos, moralismo)” G. (LIPOVETSKY & J. SERROY, 2011, p. 48). Esta fragmentação do tradicional ocasiona a multiplicidade de modelos individualistas e no final das contas agrava e agudiza a crise social, em muitos casos gerando anomia e demandando algum tipo de segurança coletiva. O neopentecostalismo se insinua precisamente nesta brecha da crise de valores e princípios norteadores e propõe uma saída bem adaptada ao momento vigente. Por vários motivos a cultura de massa e a produção *kitsch* fazem-se presentes no espetáculo neopentecostal, produzindo uma espécie de caricatura da cultura protestante, que simultaneamente traz para o ambiente religioso, técnicas mercantis, reificando seus produtos fetichizados e alienantes, manifestando uma obsessão pelo crescimento numérico e a tomada do poder pelo fenômeno quantitativo. A verdade é que após quase três séculos de tradição moderna iluminista, o religioso voltou ao Ocidente com força e repaginado, certamente mantém traços comuns com a religião antiga, mas, de fato, é outro, como explica Lipovetsky, citando Danièle Hervieu-Léger:

Pois a recomposição do religioso contemporâneo é da própria natureza da cultura-mundo hipermoderna, uma vez que ela causa angústia, desorientação, desvanecimento das grandes utopias, dispersão do laço social. Neste universo incerto, caótico, privado de referências coletivas estruturantes, crescem necessidades de unidade e de sentido, de segurança emocional, de reconforto, de ancoragem e de calor comunitários: essa é a nova competência das espiritualidades religiosas e laicas. (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p. 134).

O universo neopentecostal cumpre precisamente esse objetivo, diante da crise, oferece de maneira agressiva e contundente um tipo de esperança. O produto a ser entregue é o mesmo, contudo, ele está envolto em uma nova embalagem.

Mais de uma vez se perguntou acerca da razão do êxito da “inovação” religiosa pentecostal. Além dos elementos externos que veremos em seguida, podemos destacar pelo menos um, o uso sistemático da *simbologia*. Esta talvez tenha sido a novidade mais interessante deste novo pentecostalismo trazido à cultura evangélica brasileira. A cultura protestante e evangélica tradicional em sua ação social foi por claramente redutora. A Redução

protestante, como se sabe, deu-se a partir da própria Reforma. Adolf Harnack destaca isso quando menciona Lutero, “Tudo se reduzia aos fatores essenciais, à Palavra de Deus e à fé... Lutero realizou essa redução crítica a princípios no século dezesseis” (HARNACK, 2009, p. 151).

O protestantismo, em sua visão racional, grosso modo, “limpou” as igrejas dos vitrais, dos santos intercessores, das imagens da via sacra, diminuiu drasticamente tanto o número dos sacramentos, quanto o elemento visual em detrimento da *fides ex auditus* - a “fé que vem pelo ouvir” e deveria ser absolutamente independente de qualquer recurso visual. Por sua vez, o neopentecostalismo, voltou seus olhos para o patrimônio bíblico, em especial do Antigo Testamento e redescobriu uma religiosidade presente na Escritura com uma carga enorme de visibilidade. Percebeu que a memória do povo de Deus no passado foi construída por meio da reprodução dos grandes acontecimentos históricos (festas e celebrações). Assim, empreendeu uma grande transposição de um passado remoto para a atualidade. Nesta ação estava assegurada a presença constante da Palavra e ao mesmo tempo a sua atualização pela ação do Espírito Santo.

Com isso, firmou-se um *link* poderoso com o imaginário religioso brasileiro, mas sem as formalidades do catolicismo romano, sem a ameaça à soberania de Deus que significa a devoção à virgem Maria e a veneração aos santos intercessores, sem a liturgia e o magistério, sem a tradição e os dogmas. Apenas com a Palavra reinterpretada e os símbolos, conseguiu conectar-se com as multidões ocupando os espaços vazios do estilo informal brasileiro e simultaneamente trazendo de volta aquela solenidade do templo majestoso, das escadarias, dos rituais, porém, com a participação massiva do povo. O neopentecostalismo é, de fato, uma contracultura que na era mais secularizada e tecnológica, se impõe como alternativa concreta. Não há dúvida, é um acontecimento!

***Ecclesia Visibilis*: mídia, espetáculo e política**

As dimensões humanas da *Política* e da *Religião*, no Ocidente, desde a antiga Grécia, estiveram entrelaçadas como em um emaranhado de linhas,

quase impossível saber onde está o seu início e o seu término. Se na Grécia antiga o sofismo pragmático “rouba” a cena em nome da necessidade de governabilidade, com os fins justificando os meios, no Ocidente romano-cristão, particularmente, a partir do século IV, Constantino o Grande e Teodósio, a *leitourgia* - poderoso instrumento estético, gradualmente se impõe, como sendo a visualização da essência sagrada e legitimadora da ideologia política, forjando em seu momento o fenômeno do césaropapismo que de fato se estabelecerá com Justiniano I no século V.

Mutatis mutandis, em nossos dias, no Brasil, carregado de religiosidade popular, em especial a partir do surgimento das *mass media*, vê-se em ambos os campos, a hegemonia dos aspectos estéticos tão proeminentes na cultura do espírito pós-moderno, em detrimento de valores e princípios conquistados anteriormente com o advento da modernidade. Não havendo mais o espaço absoluto para ditaduras políticas ou religiosas de esquerda ou de direita, tanto pela fragmentação e pulverização dos paradigmas, quanto pelo desaparecimento das utopias e dos meta-relatos doadores de sentido e motivadores da luta por justiça e democracia, constrói-se um tipo de *matrix* onde o aparente torna-se o real. Vargas Llosa pontua que “a política foi substituindo cada vez mais ideias e ideais, debate intelectual e programas, por mera publicidade e aparências” (LLOSA, 2013. p. 118). Narrativas rápidas e de forte impacto aparente assumem fazendo surgir o mar infinito das *fake news*, que muito embora possam ser desmentidas, causam repercussões e desgastes difíceis de serem corrigidos.

De um lado, a *atividade política* deixou de ser uma atividade do cidadão comum da *polis*, da *Ágora* e do mercado, tornando-se um assunto de especialistas, carreiristas profissionais que, em uma espécie de ato religioso de renúncia aos próprios prazeres, abandonam suas atividades normais e mundanas e em seu lugar elegem a função política como uma vocação. Assume-se em seu discurso e em sua práxis, uma espécie de identidade sagrada com dedicação exclusiva, fazendo migrar para o universo da política um *status* de intangibilidade, algo transcendente, intocável e, portanto, impermeável à crítica e com seus instrumentos próprios de preservação e manutenção. Sim, a política carrega consigo algo como um carisma religioso e

ainda que seja o campo objeto das maiores críticas, muito mal avaliada, ela subsiste, uma vez que é parte inerente do processo democrático.

Por sua vez, no *universo religioso*, dá-se o contrário assumindo-se, na atualidade, cada vez mais as características da mundanidade, imiscuindo-se com a profanidade do cotidiano e deixando para trás, de uma vez por todas, o claustro medieval, erige-se uma religiosidade racionalizada, cumprindo-se, de uma forma enviesada, a ideia desenvolvida por Ludwig Feuerbach de que o segredo da teologia/religião é, na verdade, a antropologia, declarou ele que, “a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação dos seus segredos de amor” (FEUERBACH, 1997, p. 56). Ou ainda, a descrição feita por Max Weber, pouco mais cem anos atrás, acerca do protestantismo ocidental como tendo uma *ética intramundana*, pertencente a este mundo e com ligações estreitas com os acontecimentos histórico-culturais e sócio-políticos. Afirma ele que, “o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos...” (WEBER, 2004, p. 72).

No caso brasileiro a religiosidade se mistura cada vez mais com a cena cotidiana das grandes e médias cidades e o sagrado abandona seu espaço original, seu recôndito, e se seculariza, franqueia-se de forma total e indistintamente é acessado pelos habitantes do mundo. Em nosso país, a igreja evangélica em seu segmento sempre teve uma participação pequena e discreta na vida político-partidária. Contudo, no pentecostalismo a visibilidade aumentou consideravelmente e hoje já se tem bem alicerçada uma “bancada evangélica” de maioria pentecostal com um total de 75 deputados e 03 senadores.

O antropólogo, Ronaldo de Almeida, estudioso do comportamento religioso, pontua que, “O que vejo é um ambiente de intolerância generalizada na sociedade, uma intolerância fincada em três palavras: ódio, fobia e vingança”. Para esse pesquisador, a atitude que se percebe na bancada evangélica em geral, “É o oposto da noção clássica do protestantismo: de liberdade individual. Mas, no fundo, o que a bancada

evangélica mostra são expressões de coisas mais profundas da sociedade: conservadora, violenta, hierárquica e desigual”⁹. Seguindo essa linha de pensamento, haveria uma ruptura do momento atual da igreja evangélica com a herança humanista do protestantismo. Talvez esteja aí um elemento causal do crescimento evangélico de que viemos falando acima, quer dizer, uma identificação de forças internas retrógradas e reacionárias se manifestando oportunamente no campo político.

Como se vê, os papéis estão invertidos: a *política* reveste-se de uma estética vocacional e de imunidade jurídica, como se tivesse cumprindo um desiderato divino traduzido em compromissos religiosos e a *religião*, por sua vez, atua nas consciências não mais com base em valores absolutos, mas sim em obediência às necessidades materiais imediatas e por isso mesmo, rendendo-se ao pragmatismo ligado ao *Zeitgeist* “espírito do tempo” - consumismo, individualismo, narcisismo, personalismo etc., elementos sublimados por meio de um vocabulário sagrado e legitimados por interpretações convenientemente irrefletidas. Tal inversão veicula-se, sobretudo, pela imagem, pela capacidade contínua de imposição e alcance que os *mass media* proporcionam. A mídia cuida de alinhar religião e política.

Por conta do momento político, presenciamos um enorme *espetáculo*, uma grande representação com papéis definidos e eficientes. O diagnóstico de Guy Debord nos anos 60 soa como profecia que se cumpre tendo uma especial relevância para o Brasil na atualidade. Vivemos a “sociedade do espetáculo” onde política e religião dividem o palco como principais protagonistas, obviamente com o poder econômico, nos bastidores, escrevendo o roteiro. O espetáculo age a partir da precariedade e da anomia social, do banimento do contraditório e da história, imprimindo um ritmo alucinante de informações na defesa de narrativas sem comprovações fidedignas.

O espetacular difuso acompanha a abundância de mercadorias, o desenvolvimento não perturbado do capitalismo moderno. No caso da mercadoria considerada separadamente é justificada em nome da grandeza da

⁹ <https://csalignac.jusbrasil.com.br/noticias/347616214/o-avanco-do-fundamentalismo-evangelico>. Acessado em 17 de dezembro de 2022.

produção da totalidade dos objetos, cujo espetáculo é um catálogo apologético (DEBORD, 1997, parágrafo 65, p. 43)

A sociedade do espetáculo que se desenvolve a partir das conquistas da industrialização move-se célere com as pernas do pragmatismo e utilitarismo, um tipo de razão instrumental que a seu tempo levou à quase destruição da raça humana no século XX e seu efeito devastador contínuo se evidencia a favor da erosão cultural, do dismantelamento dos nexos sociais e da barafunda do pensamento. No Brasil, o surgimento neopentecostal, entre outros motivos, dá-se em meio às ruínas de valores da cultura ocidental no despojo que se recolhe e transforma em esperança aquilo que normalmente não tem esperança, um tipo de reserva de sentido da própria realidade dura e perversa. A pesquisadora desse fenômeno religioso, Magali Cunha, revela que, “...o boom pentecostal, de fato, ocorreu a partir da década de 1980 e transformou significativamente o perfil do segmento evangélico brasileiro. Essa expansão tão marcante tem alicerces nas transformações do mundo naquele período. (CUNHA, 2022). A midiaticização neopentecostal ganhou projeção através de pautas conservadoras e moralistas. Os indivíduos que se aproximam, ludibriados ou não, levantam uma bandeira e conseguem de novo caminhar e sonhar, uma vez que o Estado não lhes fornece tais possibilidades. Entretanto, em sua avidez tornam-se presa fácil do engodo retórico. No caso brasileiro, nunca é demais afirmar que a religiosidade que se encontra politizada em sentido pejorativo, é aquela de corte fundamentalista¹⁰, que atinge o protestantismo como um todo - históricos, pentecostais e neopentecostais. Novamente, Magali Cunha é precisa ao esclarecer sobre o poder pentecostal, que em 2013

culminou no revigoramento de campanhas por legislação pautada pela moralidade sexual religiosa, sob o rótulo “Defesa da Família Tradicional”, contra movimentos feministas e LGBTI, em aliança com a bancada católica. Essas pautas encontraram eco na população conservadora não religiosa e reforçaram movimentos reacionários às conquistas de direitos

¹⁰ Acerca do fundamentalismo, recomendo em língua portuguesa: ORO, Ivo P. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996; ALMEIDA, Leandro T. de (org.). *Rostos do fundamentalismo: abordagens histórico-críticas*. São Paulo: Terceira Via, 2017; CAMPOS, Breno M (org.). *Fundamentalismo: terminologia, hermenêutica e apontamento*. São Paulo: Recriar, 2017.

alcançadas nas últimas duas décadas... Eles não são mais “os crentes” ou os grupos fechados de outrora; desenvolvem uma cultura “da vida normal” que combina a religião com presença nas mídias, no mercado, no entretenimento e na política. Um segmento religioso que se vê fortalecido como parcela social que tem suas próprias reivindicações e pode eleger seus próprios representantes para os espaços de poder público (CUNHA, 2022).

O conservadorismo fundamentalista, face conhecida do fenômeno pentecostal/neopentecostal por meio de seu *modus operandi* de usos e costumes, desenvolveu também, de modo eficaz, junto a seus adeptos, o que veio a ser nomeado de “teologia da prosperidade”¹¹, ela tornou-se a promessa mais eloquente e pragmática do discurso neopentecostal, sacralizando as conquistas materiais e retendo o fiel dentro do ambiente encantado. Tal domínio se estende tanto pela hegemonia econômica quanto por meio do espetáculo propriamente dito. Nesse particular, ela (*sociedade do espetáculo*) oferece os bens que devem ser desejados. Debord explica que,

A raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular, a despeito das barreiras protecionistas ideológico-políciais de qualquer espetáculo local com pretensões autárquicas (DEBORD, 1997, parágrafo 58, p. 39).

Com isso, Debord destaca o fenômeno da aparência como fator preponderante no domínio mundial. A função estética do espetáculo, seu fetiche e reificação, estão aqui imbricados como elementos de catalização e persuasão no desejo desmesurado do consumo. As pesquisadoras, Márcia Tiburi e Andrea C. Dias, esclarecem que, “No âmbito do fetiche, a mercadoria hoje é experimentada como uma espécie de drogadição... Aquilo que vem sendo chamado de “consumismo” diz respeito à prática geral da fissura” (TIBURI E DIAS, 2013, p. 136). As autoras desenvolvem um interessantíssimo

¹¹ Acerca do tema, ver: MARIANO, Ricardo. ‘Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade’. In *Novos Estudos CEBRAP*, março 1996, n.º 44, p. 24-44; GONDIM, Ricardo. *O evangelho da nova era: uma análise e refutação bíblica da chamada Teologia da Prosperidade*: São Paulo: Abba, 1993; SANTOS, Aline Gomes dos e PEREIRA, Maria Joana de Sousa. ‘Mercantilização da fé nos moldes contemporâneos: discutindo a Teologia da Prosperidade no Brasil’. Disponível in: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT21/GT21_GomesdosSantos_So usaPereira.pdf

conceito para o entendimento da sociedade contemporânea: “a “fissura” essa “loucura por alguma coisa”, uma “força tremenda que move a um desejo irresistível”. Um consumo que não acaba de saciar-se em decorrência de uma renovação constante na aparência da mercadoria a ser adquirida, pois ela sempre pode mais, um poder que enfeitiça o expectador, sobre isso Debord afirma

O movimento de banalização que, sob a diversão furta-cor do espetáculo, domina mundialmente a sociedade moderna, domina-a também em cada ponto em que o consumo desenvolvido das mercadorias multiplicou na aparência os papéis e os objetos a escolher (DEBORD, 1997, parágrafo 59, p. 39).

Neste estado de coisas, a figura da *vedete* torna-se, para Debord, a principal metáfora a ilustrar o mecanismo que faz funcionar de maneira competente a sociedade do espetáculo. Ela serve para sublimar a realidade estilhaçada, disfarçando sua precariedade. “As vedetes existem para representar tipos variados de estilo de vida e de estilos de compreensão da sociedade, livres para agir *globalmente*” (DEBORD, parágrafo. 60, p. 40). O velho fetichismo religioso com seus arroubos, transes, êxtases e atuações performáticas incandescentes cedeu lugar ao novo fetichismo, o da mercadoria, que segundo Debord, “atinge momentos de excitação fervorosa” (DEBORD, parágrafo. 67, p. 45). O espetáculo é, sobretudo, imagem, aparência, representação, o ser como aquele *que percebe e que é percebido*, como afirmava o filósofo empiricista, George Berkeley em seu imaterialismo: “... pois a existência de uma ideia consiste em ser percebida” (BERKELEY, 2010, p. 58). E pela percepção, digo eu, o ser deseja e é desejado. Nunca esta descrição foi tão cabalmente cumprida como no caso da religião neopentecostal, ela consegue articular e mercantilizar seu produto por meio de uma dependência quase química - fissurada. A religião como elemento mercadológico¹² já é uma temática bem explorada na sociologia da religião e revela esse aspecto do produto a ser vendido, trazendo a quem o compra no mercado da fé, as graças e bênçãos divinas.

¹² Ver a respeito: HOUTART, François. *Mercado e religião*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

E, claro, a “cereja do bolo”, que coroa esse espetáculo é a imbricação com a política. Nesse particular, projeta-se para o mundo da política ideias e conceitos religiosos bem sedimentados no pentecostalismo clássico e no neopentecostalismo, por exemplo, a questão do mal e do diabo como sendo intrínseco à sociedade, e, que por isso mesmo, deve ser confrontado de forma ostensiva. Fabrício Veliq, pesquisador do fenômeno, explica que “Da mesma forma, é fácil atribuir a determinada agenda política a definição de algo diabólico, contra a vontade de Deus e que, por este motivo, deva ser combatida pelo seu povo, que lhe quer ser fiel” (VELIQ, 2019). Assim, a narrativa política do “nós” contra “eles”, tem assumido papel preponderante no próximo pleito - a luta do bem contra o mal, em um explícito maniqueísmo cristianizado que demoniza o outro de posição diversa.

Considerações finais

O desenvolvimento da cosmovisão pentecostal e neopentecostal, após mais de um século desde sua implantação em solo brasileiro, havia chegado, nos últimos trinta anos, assim críamos, em seu ponto culminante em termos de fenômeno social com a eficácia da mercantilização religiosa, o fetichismo da mercadoria sagrada, secularizada *in extremis*, a transfiguração do indescritível em acrílico e neon, elementos que ocuparam o espaço do imaginário religioso brasileiro atual, deslocando-o da matriz católica e do racionalismo protestante clássico, para uma nova configuração de trânsito religioso, de “inundação religiosa”, segundo João B. Libânio, como ele pontua: “E diante desse fenômeno religioso surge a pergunta: como crer cristãmente? Que atitude crítica a fé cristã, de corte libertador, estabelece com essa inundação religiosa?” (LIBÂNIO, 2009) e um *novum* que se reinventa a cada dia, que sobrevive, ainda que sem tradição e sem memória, mas que funcionava; tudo isso traduzido em números grandiosos. Porém, aquela *performance* se esgotaria, entraria num processo de inflexão, assim pensávamos. Estávamos enganados, o fator político catapultou o fenômeno pentecostal alguns degraus acima, dando-lhe muito mais oxigênio e visibilidade e com isso um sentimento ufanista de corte espiritual e espiritualizante trazido dos tempos bíblicos, quando da posse da terra

prometida, quer dizer, uma atualização das promessas a Israel, no sentido, como já dito acima, acerca do Templo de Salomão, conferindo hoje o “domínio do território”. A igreja evangélica finalmente, por um caminho nada evangélico, foi reconhecida como importante e cobiçada força política entrou de vez no mapa das realidades decisórias e na agenda das preocupações nacionais. Doravante não poderá mais ser ignorada como elemento político relevante; constatação melancólica!

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo. ‘O avanço do fundamentalismo evangélico. 2015. In: <https://csalignac.jusbrasil.com.br/noticias/347616214/o-avanco-do-fundamentalismo-evangelico>
- BARTH, Karl. *A carta aos Romanos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016.
- BERKELEY, George. *Obras filosóficas*. São Paulo: UNESP, 2010
- CESAR, Waldo e SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis. : Vozes, 1999.
- CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo, o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CUNHA, Magali. ‘Como se formou a hegemonia pentecostal no Brasil’. In: <https://vermelho.org.br/2019/12/04/magali-cunha-como-se-formou-a-hegemonia-pentecostal-no-brasil/>
- DATAFOLHA, ‘44% dos evangélicos são ex católicos’. 2016. In: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Campinas Papyrus, 1997.
- HARNACK, Adolf. *O que é cristianismo?* São Paulo: Reflexões, 2009.
- HOLANDA, S. Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- LIBÂNIO, J. Batista. ‘Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação’, 2009. In: <https://domtotal.com/artigos/index.jsp?id=521> Acessado em

16/12/2022.

LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

LLOSA, M. Vargas. *A civilização do espetáculo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no Censo 2010. In: Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MATTOS, P. Ayres. “A relevante queda de crescimento evangélico revelado pelo Censo de 2010”. *Cadernos IHU em formação*, Ano VIII, n. 43, 2002.

RITTO, Cecília. ‘População Católica em colhe no Brasil. Evangélicos avançam. In: <https://veja.abril.com.br/brasil/populacao-catolica-encolhe-no-brasil-evangelicos-avancam/2012>.

TIBURI, Márcia e DIAS, Andréa C. *A sociedade fissurada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

VELIQ, Fabrício. ‘O neopentecostalismo na produção de messias políticos’, 2019. In: <https://domtotal.com/noticias/index.jsp?id=1368264do>

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

Trabalho submetido em 27/09/2022.

Aceito em 19/12/2022.

Ronaldo de Paula Cavalcante

Doutor em Teologia Dogmática pela Universiad Pontificia de Salamanca-Espanha (1999), com pós-doutorado em: Teologia Pública pela Faculdades EST-São Leopoldo-RS (2009) e Teologia Protestante pelo PTS - Princeton Theological Seminary-New Jersey-USA (2015-2016). Professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6196-3770>. E-mail: ronaldopcavalcante@yahoo.com.br.